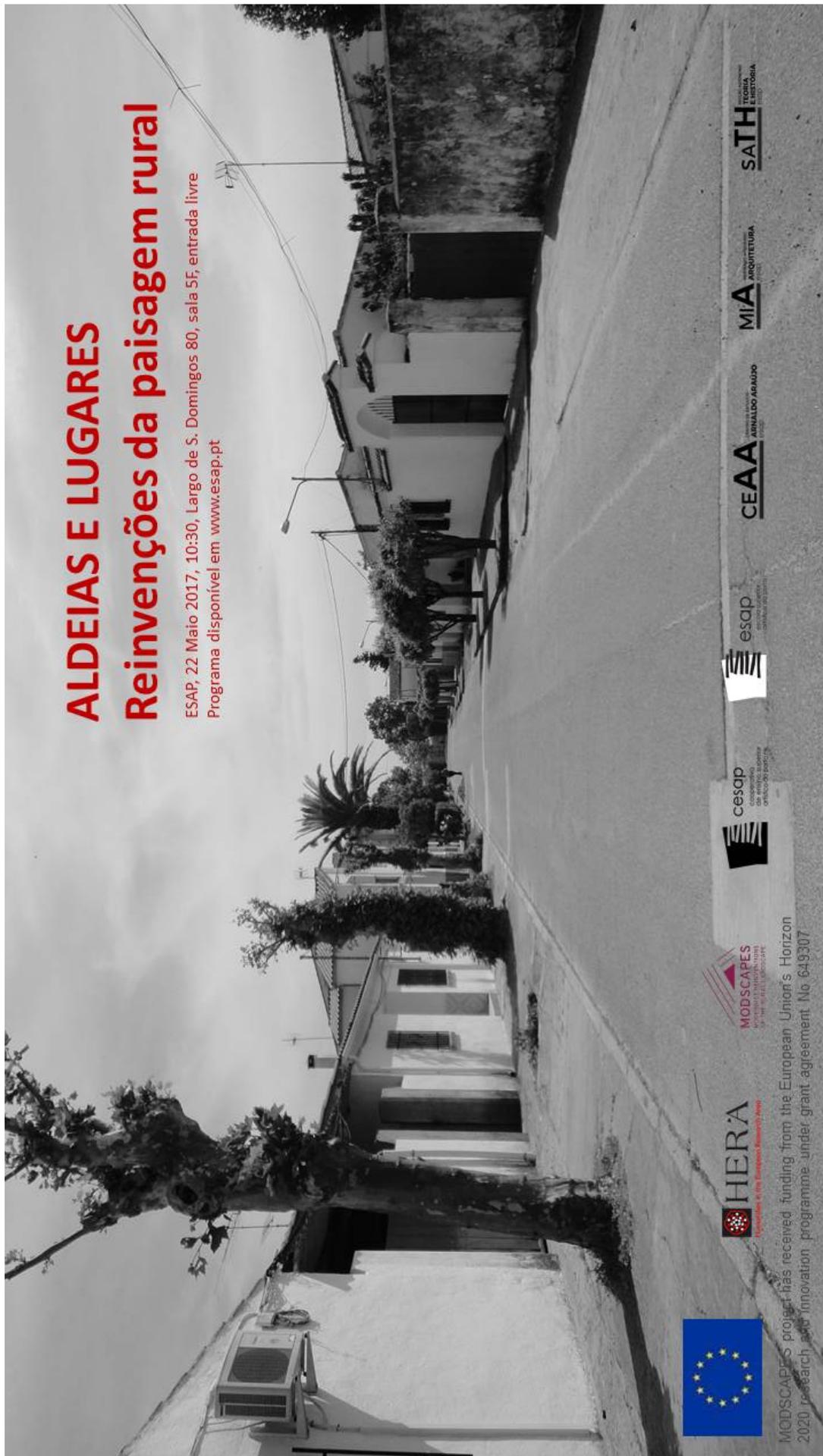


ALDEIAS E LUGARES Reinvenções da paisagem rural

ESAP, 22 Maio 2017, Largo de S. Domingos 80, sala 5F, entrada livre
Programa disponível em www.esap.pt



MODSCAPES project has received funding from the European Union's Horizon 2020 research and innovation programme under grant agreement No 649307



ALDEIAS E LUGARES

Reinvenções da paisagem rural

Livro de resumos

Colóquio ALDEIAS E LUGARES. Reinvenções da paisagem rural

ESAP, 22 de Maio de 2017, sala 5F

Organização: Maria Helena Maia

Colóquio organizado no âmbito do Seminário 4.1 do Mestrado Integrado de Arquitetura da ESAP, em colaboração com a Secção Autónoma de Teoria e História e com o projeto colaborativo transnacional MODSCAPES - Modernist Reinventions of the Rural Landscapes (HERA.15.097), atualmente a decorrer no CEAA | Centro de Estudos Arnaldo Araújo da ESAP.

Colóquio

ALDEIAS E LUGARES

Reinvenções da paisagem rural

10:30 Sessão de abertura

10:45 – Assentamentos urbanos do século XX. As colónias agrícolas e as Vilas Termais portuguesas.

Isabel Matias (CEAA/U. Lusófona)

11:00 – Quimera - Abandono – Valorização

Fátima Fernandes (LIA/ESAP)

11:15 – Debate – moderadora: Maria Helena Maia (CEAA/ESAP)

11:30 – Pausa para café

11:45 – Património Moderno: O núcleo urbano do Barrocal do Douro

Michele Cannatà (LIA/ESAP)

12:00 – As várias naturezas dos cinco bairros operários da HICA

César Machado Moreira (CEAA/U.Lusíada)

11:15 – Debate – moderador: Joaquim Flores (CEAA/ESAP)

Pausa para almoço

14:30 – A acção da Junta de Colonização Interna no meio rural português durante o regime de Salazar

Paolo Marcolin (CEAA/ESAP)

14:45 – Os Milagres e a Colónia Agrícola: o primeiro “ensaio” de colonização interna

Sara Mónico Lopes (CICS.NOVA.IPLeiria; ESECS.IPLeiria)

15:00 – Debate – moderadora: Alexandra Trevisan (CEAA/ESAP)

15:15 – Pausa para café

15:30 – Povoados da Bacia do Tejo: primeiras notas sobre um caso de estudo

Maria Helena Maia (CEAA/ESAP)

15:45 – Povoados de colonização da zona de Cáceres. Memória de uma visita

Joana Couto (CEAA/ESAP)

16:00 – Debate – moderadora: Susana Milão (LIA/ESAP)

ASSENTAMENTOS URBANOS DO SÉCULO XX.
As colónias agrícolas e as vilas termais portuguesas.
Isabel Matias

Apresenta-se e compara-se o desenvolvimento urbano das colónias agrícolas e das vilas termais portuguesas, na primeira metade do século XX. A consolidação urbana das estâncias termais inicia-se, em Portugal, no final do século XIX, analisando-se, no presente caso, o seu desenvolvimento na primeira metade do século XX, durante o Estado Novo, quando se tornou obrigatória a elaboração de planos de urbanização para os aglomerados urbanos e para as estâncias termais. O início da prática do urbanismo produziu transformações nos assentamentos urbanos existentes. Por seu lado, as colónias agrícolas que foram implementadas neste período visavam, fundamentalmente, o fomento da produção agrícola e a utilização de solo improdutivo foram programadas de raiz dando origem a diversos aglomerados urbanos, de norte a sul do País.

Isabel Maria Matias. Arquitecta, Investigadora e Docente Universitária. Co-Fundadora da Vastus, Ld.^a e da Leiras do Carvalhal, Ld.^a, com intervenção, respectivamente no ordenamento do território, urbanismo, planeamento ambiental e paisagem. Doutorada em Morfologia Urbana e Mestre em Ordenamento do Território e Planeamento Ambiental exerce docência universitária desde 1994. Integra, como professora auxiliar, o corpo docente do Curso de Mestrado Integrado da Universidade Lusófona do Porto (ULP). Investigadora integrada na Unidade de investigação FCT 4041 – Centro de Estudos Arnaldo Araújo/ESAP. Integrou, nos anos 90, o Conselho Directivo Nacional da Associação dos Arquitectos Portugueses e o Conselho Directivo Regional Norte da Ordem dos Arquitectos.

QUIMERA – ABANDONO – VALORIZAÇÃO

Fátima Fernandes

As construções mineiras e mais especificamente das minas de volfrâmio localizadas no Concelho de Arouca, cujo desenvolvimento foi apoiado em infraestruturas de exploração activas durante os anos correspondentes à segunda guerra mundial, apontam a importância das infraestruturas industriais na transformação do território rural e da paisagem do Espaço Atlântico. As Infraestruturas para produção de energia e transporte, socalcos, túneis, represas, guindastes, teleféricos, estruturas de apoio para trabalho e habitação, valas de deslocação de linhas de águas, lagoas ou represas deram forma à paisagem porque, ao longo dos tempos, foram alterando parte das terras cultivadas e dos aglomerados que lhes estavam próximos. Relacionado com a Arquitectura da Industrial, elemento fundamental na transformação do território, entendemos individualizar e expor os factores que fundam o carácter e a identidade do Património Industrial Mineiro de Arouca, e fornece directrizes para uma valorização qualificada e sustentável das suas estruturas e infraestruturas.

Fátima Fernandes é licenciada em Arquitectura pela ESBAP e Doutorada em Teoria e Prática do Projecto pela ETSAM Universidade Politécnica de Madrid com a tese A ARQUITECTURA NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM. É docente na ESAP desde 1996 e actualmente Directora do Departamento de Arquitectura. Foi Directora do Curso de Arquitectura da ESAP e Presidente do Conselho de Admissão da Ordem do Arquitectos SRN. Em 1984 funda com Michele Cannatà a CANNATÀ & FERNANDES arquitectos Lda. Foi Comissária dos eventos de Arquitectura da AEP e responsável científica pelo Departamento de Arquitectura das Edições ASA. e das Edições CIVILIZAÇÃO. Foi convidada para expor a sua obra em exposições de âmbito internacional destacando-se a Bienal de Veneza, a Trienal de Milão e recebeu inúmeros prémios de âmbito internacional. Tem obra construída em Portugal e no estrangeiro e esta está editada em publicações monográficas, livros e revistas de arquitectura de âmbito internacional. Desenvolve investigação na área da arquitectura e do urbanismo com enfoque em temáticas ligadas à influencia da arquitectura na construção de infraestruturas territoriais e na transformação da Paisagem. Mais informações em: <http://cannatafernandes.com/pt>/<http://cannatafernandes.com/pt/>

PATRIMÓNIO MODERNO: O NÚCLEO URBANO DO BARROCAL DO DOURO

Michele Cannatà

O núcleo do Barrocal do Douro nasce como conjunto urbano de apoio ao aproveitamento hidroeléctrico de Picote no troço do Douro Internacional. É realizado durante os anos 1953 -1959, pela empresa H.E.D. (Hidroeléctrica do Douro) é representa um caso exemplar de obra total moderna em Portugal. Uma obra interdisciplinar de dimensão territorial na qual a arquitetura assume o papel determinante para a realização de um conjunto urbano no qual os ideais do Movimento Moderno são conjugados com os caracteres do lugar. A participação nos projetos, dos arquitetos João Archer (1928), Rogério Ramos (1927-1976) e Manuel Nunes de Almeida (1924-2015), formados na ESBAP (Escola Superior de Belas Artes do Porto) e ainda estudantes colaboradores do grupo ODAM (Organização dos Arquitectos Modernos), foi fundamental pelos resultados e a qualidade das intervenções.

Michele Cannatà. Desde 1997 é professor de Projeto no Curso de Arquitetura na Escola Superior Artística do Porto sendo Investigador do LIA/ESAP. Em 2009 é doutorado em “Composizione architettonica e progettazione urbana” na Universidade de Chieti Pescara Italia. Entre outras, com Fátima Fernandes organiza as exposições: "Moderno Escondido - A Arquitectura das Barragens Hidroeléctricas do Douro, 1953-1964", Porto, 1997; "Arquitectura do Espaço Público", Porto, 1998; "Construir no Tempo", Matosinhos, 1999; "A Tecnologia na Arquitectura", Matosinhos, 2000, "Arquitectura Portuguesa Contemporânea", Matosinhos, 2001. "DES-CONTINUIDADE", São Paulo. 2005. Desde 1984 trabalha com Fátima Fernandes juntos obtendo numerosos prémios e reconhecimentos pela realização de obras e projetos. As suas obras e projetos encontram-se em publicações monográficas e várias revistas e livros de arquitectura.

AS VÁRIAS NATUREZAS DOS CINCO BAIROS OPERÁRIOS DA HICA

César Machado Moreira

À excepção de alguns edifícios singulares, os aglomerados construídos pela Hica não tiveram repercussão no debate sobre habitação que estava em curso na época da sua construção, e, posteriormente, também não mereceram atenção particular. Apesar da sua realização ter sido fundamental para a construção e manutenção das infra-estruturas dos aproveitamentos do Cávado, de um ponto de vista arquitectónico, os bairros apenas ficaram conhecidos por neles se localizarem quatro edifícios projectados por Januário Godinho: três pousadas e um restaurante. A participação de Godinho no projecto dos bairros foi errática, tendo colaborado na definição de algumas características fundamentais dos conjuntos, mas não sendo detectável um traço autoral ou um sentido de transformação claro e definido entre os desenhos preliminares e o resultado construído. Os bairros resultaram da conjugação entre as expectativas da administração, a burocracia dos serviços técnicos e as necessidades de circunstância constatadas durante o progresso das obras. Ou seja, o aproveitamento hidroelétrico do Cávado trouxe para o lugar um aparato urbano produzido e pensado nos serviços técnicos sediados no Porto.

César Alexandre Gomes Machado Moreira (cmmoreira@ezzo.pt). A realizar o Programa de Doutoramento em Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto com bolsa de investigação FCT: SFRH/BD/72332/2010. Mestre pela Universidade Lusíada de Famalicão – Faculdade de Arquitectura e Artes – 2009. Mestre pela Escuela Técnica Superior D'Arquitectura de Barcelona” – Universidad Politécnica da Cataluña – 2000 Licenciado pela Universidade Lusíada do Porto – 1998. Professor da Universidade Lusíada no curso de Arquitectura e Arte desde 2001 na cadeira de projecto. Investigador integrado do Centro de Estudos Arnaldo Araújo. (CEAA), é membro da equipa do projeto MODSCAPES. Desenvolve actividade como arquitecto desde de 2002, e o seu trabalho foi publicado e representado em diversas exposições nacionais e internacionais.

A ACÇÃO DA JUNTA DE COLONIZAÇÃO INTERNA NO MEIO RURAL PORTUGUÊS DURANTE O REGIME DE SALAZAR

Paolo Marcolin

Ao abrigo das políticas de colonização interna que o Estado Novo definiu para promover o seu reformismo agrário, a Junta de Colonização Interna conduziu, à semelhança do que tem sido feito noutros países da Europa, uma acção intensiva de renovação social e económica no meio rural português ao longo de quase três décadas. A materialização desta acção traduziu-se na implantação de colónias agrícolas, em várias localidades do país, enquanto forma de reorganizar e dignificar a dimensão social da agricultura, de potenciar a exploração da terra e elevar o nível qualitativo e quantitativo da produção agrícola. Não obstante o insucesso generalizados destas acção, devido a dificuldades de vária natureza que tornaram inadequado o modelo de exploração das propriedades imposto pela JCI, levando a um abandono progressivo das colónias, os resultados constituíram uma mudança substancial na procura de abordagens aos problemas do habitar em contexto rural; permitiram a experimentação de modelos de povoamento, de habitação e de exploração agrícola que reconfiguraram a paisagem em vários territórios e contextos geográficos do país conferindo-lhe um cunho modernista, tornando-se assim marcos incontornáveis no universo europeu das políticas de desenvolvimento e colonização agrícola.

Paolo Marcolin. Licenciado em Arquitetura pelo Politécnico de Milão, mestrado em Planeamento e Projeto do Ambiente Urbano pelas Faculdades de Arquitetura e de Engenharia da Universidade do Porto com o apoio financeiro da Junta da Área Metropolitana do Porto e doutorado com distinção pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto com o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Desenvolveu o seu percurso profissional colaborando na realização de vários projetos e concursos nacionais e internacionais de arquitetura e urbanismo, coordenando trabalhos de gestão urbanística, estudos e planos de ordenamento do território. Atualmente é o Diretor do Mestrado Integrado em Arquitectura da Escola Superior Artística do Porto, e lecciona neste curso várias disciplinas da área do urbanismo e da arquitectura. É ainda investigador no Centro de Estudos Arnaldo Araújo da ESAP, no Laboratório de Investigação em Arquitectura da ESAP e no Laboratório de Paisagem, Património e Território da Universidade do Minho.

**OS MILAGRES E A COLÓNIA AGRÍCOLA:
O Primeiro “Ensaio” de Colonização Interna**
Sara Mónico Lopes

A colonização interna em terrenos baldios foi uma das medidas veiculadas durante várias décadas, com o objetivo de incrementar a produção agrícola nacional, travar a proletarianização e incentivar a pequena agricultura familiar. Proposta desde os finais do século XIX, seria fortemente debatida ao longo da centúria seguinte, todavia paupérrima em termos de realizações.

A Colónia Agrícola dos Milagres, do Concelho de Leiria, considerado o primeiro ensaio de colonização interna de âmbito estatal, foi instituída em 1926, várias décadas após o início do debate sobre o aproveitamento dos baldios com formas de colonização interna e, numa altura em que esse mesmo debate começara a esvanecer. Pretende-se apresentar a Colónia Agrícola dos Milagres, no tempo e no espaço, os seus objetivos, alguns relatos dos colonos que a ocuparam e, por fim, dar conta do que é o hoje o espaço da Colónia.

Sara Mónico Lopes. Licenciada (FCSH-UNL) e doutorada em antropologia (ISCTE-IUL), mestre em História Social Contemporânea (ISCTE-IUL). Docente na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria. É o-coordenadora do Mestrado em Intervenção para um Envelhecimento Ativo do IPLieria e a Coordenadora do Programa IPL 60+, desde 2013. É investigadora associada do CICS.NOVA.IPLEIRIA. A sua investigação tem cruzado as áreas da antropologia e da educação, com especial incidência pelas questões da colonização interna, movimentos sociais, trajetórias sociais e identidades, formação e aprendizagem ao longo da vida e empregabilidade social. Tem publicações em livros e revistas nacionais e internacionais.

POVOADOS DA BACIA DO TEJO
Primeiras notas sobre um caso de estudo
Maria Helena Maia

O processo de colonização interna, levado a cabo pelo Instituto Nacional de Colonização em Espanha no governo de Franco deu origem a um conjunto impressionante pelo número e qualidade de *aldeas* e *pueblos de colonización*. Organizado a partir das grandes bacias hidrográficas, o esforço de desenvolvimento agrícola e de colonização interna associada, deu origem a várias barragens e 300 povoados, integralmente desenhados de raiz, a maioria das vezes por um único arquitecto. Constituindo um dos casos de estudo a cargo da equipa do projeto MODSCAPES sediada no CEAA/ESAP-CESAP, os 33 povoados situados na bacia do Tejo, entre os quais a mítica Vegaviana, de Fernandez del Amo, são o objecto desta comunicação.

Maria Helena Maia. Licenciada em História – Arte e Arqueologia (FLUP) e doutorada em Arquitetura (ETSA-UVA). É professora e diretora-adjunta da Escola Superior Artística do Porto. É diretora do Centro de Estudos Arnaldo Araújo, Investigadora Responsável do Grupo de Investigação Estudos de Arquitetura e uma das Investigadoras Principais do Projeto MODESCAPES – Modernist Reinventions of the Rural Landscape (HERA.15.097). Organizou vários encontros internacionais e tem trabalho publicado nacional e internacionalmente. Recebeu os Prémios José de Figueiredo 2008 da Academia Nacional de Belas Artes (ex-ecuo) e Ignasi de Lecea 2007-2008 do Public Art & Design Observatory –Universitat de Barcelona (c/ M. Acciaiuoli e J.C. Leal).

POVOADOS DE COLONIZAÇÃO DA ZONA DE CÁCERES.

Memória de uma visita

Joana Couto

Trata-se de dar notícia da primeira viagem para trabalho de campo realizada no vale do Tejo, mais concretamente nos povoados da zona de Cáceres. Da preparação da visita à descoberta no terreno, sucedem-se surpresas de todos os tipos, umas positivas, outras nem tanto. Desde a escala às alterações do que foi construído ou a relação com a envolvente, sucederam-se as descobertas que vieram alterar definitivamente a nossa perspectiva sobre o tema. É essa experiência que se pretende partilhar.

Joana Couto. Arquitecta. Após breve experiência em 2006/2007 como docente (assistente estagiária) na Universidade Internacional da Figueira da Foz, exerce arquitectura na *JBarquitectura* em co-autoria com Bruno Matos desde 2009 e em 2010 integrou também a equipa da *[RE]greenproject*. Desde 2010 é investigadora do CEEA (uID 4041 da FCT) da Escola Superior Artística do Porto integrada no Grupo de Estudos de Arquitectura, no âmbito do qual fez parte da comissão executiva de vários encontros internacionais e onde tem vindo a apoiar a equipa de publicações. Entre 2014-2015 foi bolseira de investigação no projecto exploratório FCT *Southern Modernisms* (EXPL/CPCHAT/0191/2013). Na actualidade é novamente bolseira de investigação no projecto internacional *MODSCAPES - Modernist Reinvention of Rural Landscapes* (HERA.15.097).